

## AMATO LUSITANO NA HISTÓRIA DOS CUIDADOS PALIATIVOS

António Lourenço Marques\*

Em maio de 1992, um jornal da província, o Jornal do Fundão, relatava o caso de um doente, de 39 anos, com um cancro avançado da cabeça, abandonado dos serviços de saúde, e registava estas palavras terríveis da esposa, Maria Rosalina: “A última vez que o levaram ao Hospital foi no dia 12 de fevereiro. Olharam para ele, de longe, e mandaram-no para casa, sem uma palavra de conforto”. O relato acrescentava que havia “quatro meses, que o doente “não via médico nem enfermeiro” (Jornal do Fundão, 22 de maio de 1992).

Este episódio lamentável levantou a questão crucial dos cuidados paliativos. Neste mesmo ano, em novembro de 1992, inaugurou-se no Hospital do Fundão um serviço específico de internamento de doentes com cancro avançado, o que representa a primeira iniciativa do género em Portugal. Na verdade, a medicina paliativa tinha tido início, em Inglaterra, um quarto de século antes, no final da década de 60, através da ação pioneira da médica Cicely Saunders.

Pode então perguntar-se como é que a medicina tratou, no passado, os doentes reconhecidamente incuráveis? O tema não foi estranho à medicina hipocrática e à medicina de Asklépio, que são as raízes da medicina ocidental. Mas a história da medicina sobre esta matéria está em grande medida por fazer. É a história do cuidar. A cura monopolizou, em grande medida, a grande história da medicina conhecida<sup>1</sup>.

O saber hipocrático e a interpretação de Galeno influenciaram decisivamente a medicina ocidental, até quase à contemporaneidade. Neste percurso longo, vamos encontrar o testemunho de um importante médico português, o notável Amato Lusitano (1511-1568), que na sua obra monumental, *Sete Centúrias de Curas Mediciniais*, sobre a sua intensa atividade clínica, refere a abordagem dos doentes incuráveis.

Dá-se realce, nesta apresentação, em particular à 32ª Cura da Terceira Centúria, sobre o tratamento de um cancro da mama feminina, em fase avançada, e como o médico agiu. Amato Lusitano, perante o caso, escreveu: “Se nada mais fizermos, é necessário que limpemos ao menos o pus, usando qualquer substância líquida, não ao acaso mas já encontrada por experiência e indicação”<sup>2</sup>. Palavras que contrastam absolutamente com a posição verificada, quase meio milénio depois, perante o doente do Fundão, e que se fundamentam no verdadeiro espírito científico e no exercício da medicina como atividade nobre e humanista.

Também a abordagem da dor, por este médico do renascimento, pode constituir um capítulo relevante, quando se investiga a história do combate ao sofrimento<sup>3</sup>. Aqui encontramos de igual modo uma ação do médico presidida pelo mesmo espírito científico e humanista.

Parece assim que, apesar do atraso que se continua a verificar na implantação dos cuidados paliativos modernos, em Portugal, tivemos na nossa história mais antiga, autores, como foi o caso de Amato Lusitano, que, no seu tempo, não se alhearam desta importante questão da medicina, hoje, felizmente, já a fazer parte do conjunto das especialidades médicas.

\* Chefe de serviço de Anestesiologia (aposentado)

Antigo diretor do Serviço de Medicina Paliativa do CHCB (H. Fundão)

Diretor dos Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior – da pré-história ao séc. XXI”

---

<sup>1</sup> Gracia D., (2002) Palliative Care and the historical background, in: ten Have H., and Clark D., *The Ethics of Palliative Care*, Open University Press, 2002

<sup>2</sup> Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, trad. Crespo F., v. 2, Universidade Nova, Lisboa.

<sup>3</sup> Marques A. L., A realidade da dor nas curas de Amato Lusitano, *Medicina na Beira Interior da pré-história ao séc. XXI*, Cadernos de Cultura, Castelo Branco, v. 5, 1992, p.19-22.